lidarizar com a sua família ou para tentar atenuar a dor da sua família de alguma forma? Ou indenizar a sua família de alguma forma? Tentou algum diálogo?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Olha, em momento algum. A única coisa que eles fizeram foi o ressarcimento, porque eu só soube depois, do funeral. Nós... a minha mãe foi a primeira pessoa a ser enterrada. Ela foi enterrada em Botafogo. Foi a primeira pessoa a ser enterrada. Depois, a gente entrou com um pedido de ressarcimento. Era o mínimo que eles poderiam fazer naquele momento. E aí eu soube... soube depois desse ressarcimento. Porque eles estavam querendo, no Instituto Médico Legal, que se fizesse lá, tinha um pessoal lá tratando disso, e a gente não quis. A gente fez e depois eles falaram que iam ressarcir.

Eu queria só fazer um adendo aqui em relação à força-tarefa no Instituto Médico Legal. Porque a minha mãe foi uma das 10 a que... Eu não me lembro o nome dela... Dra Gabriela Gabriela...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Dra. Gabriela.

O SR. - Dra. Gabriela. A minha mãe foi uma das 10 primeiras a serem periciadas. E eu, no dia que... Eu fui ver o corpo dela. Minha mãe é uma pessoa mais branquinha, mais branca que eu e com aquela... estilo vozinha mesmo. Do cabelinho branco, pele muito clara. Eu enterrei ela com caixão fechado, caixão fechado. Sabe por quê? A pele dela estava negra. E a o cabelo dela, a característica daquele cabelo neve, tinha virado preto. Estava graúna, preto graúna.

E em relação à sua pergunta: contato algum. Não foi feito contato algum. Todos os contatos fui eu que provoquei, todos os contatos fui eu provoquei. A indenização que eles me propuseram foi indigna. Eu me senti ultrajado e ofendido - a mim e a toda minha família - porque não se dá números daquele jeito. Chegaram a me perguntar: "Como é que você chegou ao valor que você pediu?" Aí eu respondi. Uma pessoa com essa qualidade que ela tinha, um monte. Ela criou os filhos sozinha. Veio de Portugal, criou os filhos sozinha. Ela fez tudo por toda aquela família lá, cara. E, de repente... Aí eu falei: "É pelo emocional. É isso e exatamente isso". Mas não quer dizer que esse valor seja o definitivo. A gente tem que conversar.

Só que, com o que eles vieram, eu pedi para encerrar a sessão de mediação. E encerra, acabou. Aí eles me perguntaram: "Você não vai fazer nenhuma contraproposta?" "Negativo, cara. Eu não vim aqui para fazer leilão sobre a vida da minha mãe, cara. Eu vim aqui para tentar um acordo para que não siga na Justiça." Mas não teve acordo, não teve... E, depois disso também, ninguém mais falou nada comigo, ninguém da minha família. Está desse jeito mesmo. E, hoje mesmo, você vê: se não fosse essa... a forma provocada, não teria ninguém.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. Carlos, a sua mãe, o senhor já disse que estava sendo acompanhada também particularmente pela família, através da própria família. Mas ela era cliente de um plano de saúde. Esse plano de saúde era a Amil?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUSA OUTERELO - Não, não. É um plano de uma fundação Capesaúde, porque o meu irmão trabalha e colocou ela como dependente.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. Presidente, faço requerimento para incluir, na mesma forma que requeri anteriormente, no sentido de verificar, junto à operadora do plano de saúde, as condições de atendimento no Hospital Badim, o faturamento desse atendimento e se há registros, na auditoria médica, deste referido plano, de algum procedimento questionando a forma pela qual o Hospital Badim encaminhava os seus pacientes - clientes desse plano - para a unidade de terapia intensiva.

Obrigado, Sr. Carlos.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A gente delibera logo em seguida, Deputado. Aliás, vamos fazer logo uma liberação, para a gente não ficar acumulando aqui diversas... A gente tem alguns aqui. Chamar os trabalhos à ordem e incluir a Secretaria para nos ajudar no que ficou pendente.

Nós temos aqui os atestados de... as anotações de registros técnicos dos últimos dois anos. Nós temos também o tema que a Defensoria Pública nos trouxe com relação a um prédio residencial entre os prédios hospitalares, do qual também precisamos das ART's, se foi feita reestruturação nesse prédio para que passasse uma instalação hospitalar embaixo, bem como se nesse prédio foram feitas readequações de incêndios. Também sobre o lixo hospitalar. A gente tem uma questão também dos planos de saúde.

Pedir, porque os planos, até agora citada a Amil... O plano do... Também era Amil? Amil. Qual é o... Se ele tem algum indício de que o Hospital Badim favoreça de forma não técnica a inclusão dos pacientes no centro de terapia intensiva. Ficou mais alguma coisa pendente?

(Fala fora do microfone)

Ah, sim. Solicitar o Habite-se da Secretaria Municipal de Urbanismo. A inspeção na Defesa civil e, também, no Edifício Carmel, que é o edifício intermediário.

Como vota o Deputado Rodrigo Amorim?

O SR. RODRIGO AMORIM - Favorável, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Deputado Jorge Felippe Neto?

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Favorável.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Deputado Bruno Dauaire?

O SR. BRUNO DAUAIRE - Favorável, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Eu também voto favorável.

Gostaria de passar a palavra agora para o Sr. Alexandre Coutinho. Gostaria que o senhor relatasse como o pai do senhor entrou, se ele veio a falecer logo após o acidente ou se ele veio falecer depois e como foi esse meio tempo até o óbito do seu pai.

Boa tarde.

O SR. ALEXANDRE COUTINHO - Boa tarde a todos. Considero que não seria ocioso agradecer mais uma vez agradecer a V. Exas. e parabenizá-los por este ato, por esta iniciativa de fazer essa CPI. A todas as autoridades presentes aqui também. Eu vou fazer um relato breve, mas bem detalhado e talvez seja bem interessante para as questões técnicas.

Meu pai deu entrada nesse Hospital, no dia 8 de setembro, com uma suspeita de pneumonia. Um paciente idoso, com 77 anos, deu entrada tão somente... Foi para o quarto. Ele não foi para o CTI, não houve necessidade de ele permanecer em CTI em momento algum, porque era só uma investigação.

Na verdade, no dia do evento, ele já estava praticamente de alta. Era para ele ter tido alta no dia anterior, no dia 11, mas o médico considerou necessário que ele permanecesse no Hospital por mais 24 horas para investigar umas taxas dos rins, porque ele era renal crônico. Nunca iriam melhorar essas taxas, mas, enfim, o médico optou por deixá-lo mais 24 horas e assim ele permaneceu. No dia do evento, aí é que vêm as questões técnicas que podem, de repente, ajudar na apuração, às 19h11min, a minha irmã me ligou. Eu estava saindo do escritório, ela me telefonou dizendo que tinha tomado conhecimento, através de um amigo, em rede social, de que o Badim estava pegando fogo. Eu estava caminhando para casa, às 19h15min eu liguei para o meu pai. Todas essas ligações estão gravadas nos nossos celulares e eu estou colocando à disposição, inclusive, a quebra de sigilo, se for necessário para que as autoridades policiais possam apurar. Às 19h15min eu ligo para o meu pai e eu não consigo falar com ele. Eu o ouço, tossindo bastante, e ele não consegue falar comigo. E eu ouço atrás dele uma voz de mulher dizendo: "senhor, desliga o telefone que a gente vai tentar te salvar". Isso eu ouvi. Aí, quando isso aconteceu, eu resolvi desligar o telefone para que ele pudesse ficar atento ao salvamento, que era o mais importante.

Minha irmã havia me dito que tinha falado com ele e que orientou -ela deu essa orientação, porque ela também é da área de saúde-, ela deu a orientação de molharem uma toalha e ele ficar respirando nesta toalha molhada para evitar que as fuligens entrassem e a fumaça quente também e provocassem queimadura de via aérea. Às 19h16min, eu liguei para ela e disse o que tinha acontecido. Fui para casa. Às 19h33min, ela me telefonou e disse que estaria indo para o Hospital. Por volta das 20 horas, nós tomamos conhecimento, porque ela continuou ligando para ele insistentemente, aí ele falou com ela rapidamente que eles estariam o conduzindo para o Hospital Quinta D'Or. Se eu não me engano, meu pai foi um dos pacientes que foi salvo pelo Corpo de Bombeiros pela janela. Um daqueles pacientes idosos que saiu pela janela, eu acho que foi meu pai um deles.

Então, nós tomamos conhecimento de que ele foi para o Quinta D'Or tão-somente por que ele falou para a minha irmã, ainda conseguiu falar, "estou indo para o Quinta D'Or, Quinta D'Or, Quinta D'Or" e desligou o telefone. Então, nos direcionamos, eu e ela, para lá e vimos aquela praça de guerra toda ocorrendo lá no Quinta D'Or, foi uma loucura, várias pessoas como ele, desesperadas, tentando saber sobre seus pais, seus pacientes, seus familiares. Nós estávamos mais tranquilos, porque sabíamos que meu pai estava lá no Quinta D'Or.

Às 20h57 eu liguei para minha tia para comunicar, porque a minha avó, mãe do meu pai, tem 95 anos, não sabia de nada. Às 22h22 o Dr. Leonardo telefona para o meu celular, porque ele tinha falado com minha irmã, aí ele retornou, porque precisava saber detalhes sobre o meu pai, porque ele iria entubar o meu pai, quer dizer, às 22h22 ele começou o procedimento de entubação. O evento começou, me parece, às 17 horas. Às 19h33 o meu pai estava dentro do Hospital Badim, disse inclusive para minha irmã, se não me engano numa das primeiras ligações, que ele tentou sair, pediu para sair e foi impedido de caminhar pelo Hospital, possivelmente pelos procedimentos de segurança que também não nos cabe agora julgar, mas o que eu soube foi isso.

Então, às 22h45 ele foi entubado no Quinta D'Or. O que aconteceu? No dia seguinte, nós começamos a ter um grande transtorno com o Hospital Quinta D'Or e com a Amil, porque eles tentaram desesperadamente transferir meu pai para o Hospital Vitória, porque, em tese, apesar do plano de saúde dele ser um bom plano da Amil, se não me engano Amil 40, não tinha cobertura no Quinta D'Or, porque é Rede D'Or, como o colega aqui falou. Então, queriam conduzi-lo para o Hospital Vitória. Segundo o Quinta D'Or que me ligava, isso era uma determinação do Badim, porque o Badim estava ameaçando não pagar os procedimentos, agora vejam vocês, ameaçando não pagar os procedimentos do meu pai quando ele não pediu nem para sair do Badim, então não teria o menor cabimento. E eu não me preocupei com isso, porque tecnicamente, até por ser advogado, eu já sabia que eles não poderiam fazer nada, briguei muito com eles, só que a covardia foi a seguinte: eles ligaram para a mulher do meu pai, ligaram para mim, ligaram para minha irmã, porque eles tentaram uma autorização com alguém que tivesse mais emocionalmente abalado e que pudesse autorizar essa covardia.

Entrei em contato com um amigo que é médico e, pelo fato do meu pai ter 77 anos, estar entubado, queimaduras de via aérea, fazendo uso de noradrenalina, se não me engano, esse médico sem ver o meu pai falou: "essa transferência é um homicídio, não permita que façam isso com seu pai". Por quê? A via aérea toda comprometida, ele entubado, se por acaso no caminho do outro Hospital aquele tubo saísse não iria mais conseguir voltar. Ele morreria. Então, esse foi o primeiro processo de estresse grave que nós vivemos na família com relação a isso.

Às 7h33 da noite eu recebi a última ligação da Amil, através do telefone 3501-1000, pedindo a transferência do meu pai, numa sexta-feira, dia 13 de setembro. Eu disse a eles que não autorizava a transferência, que não me obrigassem a ir a um plantão judiciário, porque eu iria tranquilamente. Pronto. Acabou o problema da transferência. Optaram por deixar o meu pai lá no Hospital. Ele faleceu no dia 08/09. Ele deu entrada no Hospital no dia 12. Só para vocês terem uma ideia, encurtando um pouco, o laudo de necropsia que foi dado pelo Instituto Médico Legal definiu a causa mortis do meu pai como broncopneumonia subsequente à intoxicação por monóxido de carbono e queimadura de via aérea. Está aqui a certidão de óbito, se quiserem tirar uma cópia, ou seja, totalmente relacionada ao evento a morte do meu pai. Não temos desculpas.

Durante todo período em que houve a internação do meu pai no Quinta D'Or, nós participamos diariamente. Um irmão meu, mais velho, mora fora do Rio, e somos três irmãos aqui no Rio. Fizemos revezamento, fomos praticamente todos os dias. Um dia ou outro que um dos filhos não pôde comparecer, mas outro estava sempre lá. Acompanhamos tudo. E só tomamos conhecimento de um contato do Hospital Badim; pedi para a mulher do meu pai, a companheira dele, que fosse buscar os documentos no Hospital. Na primeira semana, eu até entendi que não daria possibilidade por causa dos problemas que eles pudessem ter. Tudo bem. Na segunda semana, nós ainda não tínhamos a documentação do meu pai. Eu pedi que ela insistisse para pegar os documentos dele. Na terceira semana, ele morreu em uma terça-feira, se eu não me engano, na sexta-feira anterior ao falecimento, eles resolveram que não teria mais como reverter o quadro. Ele estava tomando...fazendo... aquilo dos rins... como é o nome? Diálise, fazendo diálise, só que a diálise não estava mais funcionando e, a partir daquele momento, tudo seria pior para ele e eles iam desligar a diálise. Era praticamente uma sentença de morte. Mas, enfim, ele não tinha saída mais. Não se tinha o que fazer. Aí, nesse dia, por coincidência, uma assistente social do Badim entrou em contato com a esposa do meu pai. Perguntando se nós estávamos precisando de atendimento psicológico. Enfim, falou só com ela. Não falou com os demais filhos nem com mais ninguém. Só falou com ela. E marcou uma reunião só com ela no Hospital, achei que ela fosse...

O SR. RODRIGO AMORIM - Três semanas após?

O SR. ALEXANDRE COUTINHO - Três semanas, na antevéspera da morte do meu pai. Por coincidência, quando eles começaram a desligar os aparelhos, entrou em processo mesmo de cuidados de fim de vida é que o Hospital deve ter tomado conhecimento e aí deve ter se comunicado internamente, aí revolveram ligar e falaram com ela, ligaram, não, mandaram pelo WhatsApp, porque agora não se fala mais no telefone, não, é tudo WhatsApp.

Aí, ela foi lá, conversou com eles. Eu tenho um irmão de cinco anos desse terceiro relacionamento do meu pai, desse terceiro casamento. Quero dizer isso para vocês para vocês entenderem o quanto o meu pai era uma pessoa ativa, apesar da idade, 77 anos, ele tinha uma vida ainda pela frente bastante promissora, apesar das comorbidades naturais da idade.

O que acontece? Nessa data, nesta sexta-feira, eles entram em contato com a mulher do meu pai e simplesmente nada mais é resolvido, nada mais é dito. Na terça-feira o meu pai morreu. Quando ele morreu, eles ligaram novamente. Aí é que ela pega e pergunta o que vai ser feito e eles oferecem pagar o funeral... aliás, oferecem, não, ela que perguntou. Ela disse que ele tinha morrido e agora o que fazer. Aí eles "ah, vocês estão precisando de ajuda psicológica?" Aí ela falou "sim, mas também estamos precisando de ajuda financeira. Vocês não vão nem pagar o funeral?" Aí é que eles resolveram pagar porque ela cobrou isso deles. Pagaram o funeral, porque nós temos jazigo perpétuo da família, minha avó fez questão que fosse no dela, enfim.

Então, é isso. Na verdade, eu fiz umas anotações aqui para vocês saberem, todos os senhores aí tomarem conhecimento de tudo isso que aconteceu. Eu estive aqui na audiência pública realizada pela Deputada Martha Rocha, participei, também prestei esse mesmo depoimento que eu estou prestando aqui, eu prestei naquele dia, e esclareci várias questões. Uma das questões que foram esclarecidas naquela ocasião, que me deixou bastante consternado inclusive porque foi uma das perguntas que eu fiz, é por que não havia Bombeiro civil no Hospital. Me parece que há uma lei de 2017, não sei se é isso ou se é mais recente, que determina que as empresas públicas, os hospitais, as empresas privadas têm que ter um corpo de funcionários do... ou Bombeiro civil mesmo, porque você pegar 30, 40 funcionários e trabalhar como eles fazem, me parece que eles tinham alguns funcionários que eles fazem treinamento para esse momento de incêndio, brigada de incêndio com o próprio funcionário do Hospital: médico, enfermeiro, assistente, técnico, administrativo. Então, o cara vai salvar a vida ou ele vai fazer papel de Bombeiro?

No dia do evento, se eu não me engano, não tinha nenhum Bombeiro civil no Hospital. Só essa equipe de 30 pessoas, será que eles dizem que treinam esporadicamente para esses eventos.

O meu pai, no momento em que nós nos falamos, meu pai estava no 3º andar, em um quarto particular no 3º andar. Ele foi asfixiado. Ele quando eu entrada no Hospital Quinta D'Or, ele estava com total comprometimento, não sei de quantos porcento de via aérea, ele fez mais de seis ou outo broncoscopias para limpar o pulmão, para tentarem tirar as fuligens dos pulmões, para vocês terem uma ideia de o quanto ele inalou de fumaça e de monóxido de carbono. Ele não acordou depois desse coma, ele ficou esses 26 dias completamente entubado, não teve condições de voltar.

E, ao final agora, depois que ele morreu, nós fomos convocados, fomos convidados pelo Centro de Atendimento Casa, Sessão de Mediação, me surpreendeu, inclusive esse convite e eu aceitei, eu falei "vamos lá ver o que eles têm a dizer para a gente". E mais uma vez, como o colega aqui relatou e a senhora também, o descaso total desse Hospital com relação às famílias, às vítimas, aos familiares. Eu cheguei lá e simplesmente tinham duas assistentes técnicas, uma funcionária de telemarketing e uma assistente administrativa para conversar comigo sobre uma possível mediação. Eu falei: "Isso deve ser uma brincadeira, não desmerecendo ninguém, mas, qual é a capacidade técnica que essas meninas têm?", chega a ser até covarde porque eu comuniquei que eu iria na qualidade de profissional de direito e representando os meus irmãos, eu queria um profissional que pudesse conversar comigo. Aí, quando eles viram que nós não teríamos conversa nenhuma com aquelas meninas que estavam ali vendidas, literalmente, eles mandaram a Dra. Lígia Maria Ladeira Tavares para conversar conosco. E quando nós colocamos o caso, eu expliquei que o meu pai tem esse dependente menor, a minha vó era também dependente do meu pai, inclusive no plano de saúde, que eu não sei nem como a gente vai fazer agora para colocar uma senhora de 95 anos em um plano de saúde porque ela vai perder esse benefício porque ela não é mais dependente dele, ele não existe mais. Expliquei essa situação para ela, levei uma fatura inclusive de quanto ela pagava, que não é muita coisa, R$ 2.333,54 porque ele tinha a Braslight, é uma fundação da Light, que ele é funcionário aposentado da Light, tinha esse benefício. Expliquei para eles que a gente tinha que conversar porque nós temos uma idosa de 95 anos, a mãe que enterrou o filho, temos 5 filhos, na realidade, envolvidos nisso, tem a atual esposa, enfim. E aí essa advogada me disse que simplesmente não iria nem me trazer nenhum valor ali, "não iremos conversar sobre valores", foi muito educada, muito competente, muito gentil, inclusive, parabenizo a doutora por isso, Dra. Lígia, deve ser do seu escritório, muito capacitada, inclusive, para conciliar porque ali, realmente, a gente ia ter uma briga feia, e até hoje, simplesmente, não se tem notícias.

Ela disse que ia fazer uma reunião com a diretoria do Hospital porque, segundo ela, o caso do meu pai seria um caso mais específico porque já há um laudo do IML constatando efetivamente a causa mortis, porque ele estariam até então aguardando todos esses laudos e essas perícias a serem realizadas nas vítimas para descobrir se efetivamente a cada vítima teria sido vítima do Badim ou das suas comorbidades naturais. E me parece que a doutora que é médica do IML deixou bem claro aqui, o que é óbvio, não precisa nem ser médico, nem advogado, nem engenheiro, não precisa ser nada para entender que, obviamente, o cara que sofre um trauma desse e vem a óbito, por mais que seja pela sua própria doença, é claro que há uma ligação.

Então, é isso, eu fui convidado a comparecer aqui, mais uma vez quero agradecer. Estou tentando ser sucinto porque o tempo passa. Estou me colocando à disposição das autoridades policiais, inclusive, para prestar depoimentos formais, se necessário for, e apresentar documentos, e dizer para vocês que a indignação maior da nossa família também é o descaso que o Hospital Badim simplesmente dispensou para a nossa família como um todo. Inclusive, hoje, como ele bem colocou, a prova disso foi que vocês tiveram que fazer uma condução coercitiva, né?

Então, é isso, uma boa tarde, muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Obrigado, Sr. Alexandre Coutinho.

Gostaria de ouvir o Sr. Fábio (Fabrício?) Santoro, do Hospital Badim.

Sr. Fabrício, boa tarde. O Hospital Badim, ele detém o certificado do Corpo de Bombeiro para funcionamento após suas obras no ano de 2017, se não me engano?

O SR. FÁBIO SANTORO - Bom, eu queria só me apresentar, eu sou o Diretor Médico da instituição e tem fenômenos de natureza administrativa e estratégica que eu não saberia responder ou eu não estou...

O SR. RODRIGO AMORIM - Uma questão de ordem, Sr. Presidente. Questão de ordem, Sr. Presidente. O Hospital foi convocado para estar nesta nesta assentada para responder todo e qualquer questionamento, se está usando do artifício de trazer alguém que não tem competência para responder também às questões administrativas, não me diz respeito. Eu quero alguém que responda às questões que sejam destinadas ao Hospital de qualquer natureza ou então trouxessem aqueles que o podem fazer.

Como o Hospital tentou obstruir os trabalhos desta Comissão, já foi bem claro e colocado no início da assentada, aliás ressalto aqui o respeito do Hospital não só pelos risos e deboche, que eu estou percebendo agora do seu advogado e das pessoas que o acompanham, mas uma Comissão que está marcada para as 11h da manhã e o senhor tem a pantomima conosco de chegar às 15h40, não me venha com esse tipo de argumento de que não poderá responder aspectos que não sejam os aspectos médicos.

É só, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O senhor tem...

O SR. FABIO SANTORO - Exa., eu queria apresentar, por favor..

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Deixa só eu concluir e o senhor vai ter a palavra. O senhor tem ciência se existia um certificado do Corpo de Bombeiros com relação, a partir do momento que foi feita uma nova obra, para utilização do espaço em comum?

O SR. FABIO SANTORO - Sim, claro. Mas eu queria trazer a essa discussão, para responder essas questões de natureza administrativa, como eu estava citando, o Dr. Bernardo Kaiuca que trouxe todos os dados de natureza administrativa.

O SR. RODRIGO AMORIM - Desculpa, o senhor é Diretor Médico?

O SR. FABIO SANTORO - Sou diretor médico, diretor médico não trata desses assuntos. Posso passar a palavra?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Por favor.

O SR. BERNARDO KAIUCA - Boa tarde, Presidente, boa tarde Exmos. Srs. Deputados, boa tarde às autoridades demais presentes, boa tarde aos colegas representante das vítimas. O intuito da presença do Hospital aqui, muito pelo contrário, não foi para se olvidar de prestar qualquer esclarecimento. Deputado, peço desculpas a V. Exa., a ideia do Hospital Badim, como sempre vem sendo, é apresentar todo e qualquer esclarecimento que for requerido pelas autoridades.

O Hospital Badim já esteve nesta casa, há aproximadamente um mês, numa audiência pública da Comissão de Saúde, que durou mais de quatro horas, tivemos oportunidade de prestar diversos esclarecimentos, alguns representantes do Corpo de Bombeiros, que hoje estão aqui presentes também estiveram nesta audiência. E o Hospital vem firme no intuito de cooperar com as autoridades, como vem cooperando no inquérito policial. O Hospital, lamentavelmente, não conseguiu obter cópia dos autos do inquérito antes do depoimento para saber em que qualidade seria ouvido, inclusive porque o próprio ofício convocatório, Vs. Exas. podem revê-lo aí, é um ofício que, primeiro menciona um convite, e depois trata como convocação. Então, nessa dúvida buscou-se acesso aos autos e esse acesso não foi fornecido e, por conta disso, de nenhuma maneira querendo tumultuar ou obstruir os trabalhos desta Comissão, não é e nem nunca foi o intuito do Hospital, o Hospital peticionou pela manhã informando essa situação, pedindo acesso aos autos, informando e requerendo, se fosse possível, a designação de uma nova data para apresentar os seus esclarecimentos, após obter acesso aos autos. Isso não aconteceu, houve a determinação/desta Comissão. Após comparecermos aqui, eu

Imprensa Oficial
GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO
documento assinado digitalmente
A assinatura não possui validade quando impresso.

A IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO garante a autenticidade deste documento, quando visualizado diretamente no portal www.io.rj.gov.br.
Assinado digitalmente em Quinta-feira, 11 de Março de 2021 às 23:22:00 -0300.